

**ANTONIETA CORREIA MONTEIRO FERREIRA LIMA**

**“ MÍSTICA ” NA POESIA DE PEDRO MONTEIRO CARDOSO?**

**Licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses**

**ISE/2006.**

**ANTONIETA CORREIA MONTEIRO FERREIRA LIMA**

**“ MÍSTICA” NA POESIA DE PEDRO MONTEIRO CARDOSO?**

“Trabalho científico apresentado no ISE para obtenção do grau de Licenciado em Estudos Caboverdianos e Portugueses, sob orientação da Dra. Ondina Ferreira”.

**O Júri:**

---

---

---

Praia em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2006.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à minha querida mãe, Maria de Fátima, que sempre acreditou na minha capacidade e que me apoiou com palavras de força e encorajamento; aos meus queridos filhos, Melissa e Júnior, que me ajudaram, superando as minhas ausências enquanto mãe, ao longo da formação; ao meu prestimoso marido que me deu um apoio incondicional nas horas mais difíceis da minha formação.

## **AGRADECIMENTOS**

Não faria sentido chegar ao fim deste trabalho sem deixar algumas palavras de agradecimento às pessoas das quais sem o apoio, os incentivos, e o carinho, não seria possível a realização deste trabalho.

Agradeço antes de mais à minha querida professora/orientadora Dra. Ondina Ferreira, pelo incentivo e pela forma carinhosa com que se disponibilizou em me orientar; ao meu grande e melhor amigo Avelino Varela, pelo apoio e pelo incentivo dado ao longo da minha formação; à minha prezada professora Fátima Fernandes, que sempre acreditou na minha capacidade e me apoiou nos momentos difíceis, pessoal e profissionalmente; à minha antiga directora, Margarida Lima, que desde princípio da minha carreira profissional (meu primeiro emprego) me encorajou a estudar; aos familiares do escritor/poeta, Pedro Monteiro Cardoso que se disponibilizaram em colaborar para que este trabalho fosse uma realidade.

Meus profundos e sinceros agradecimentos a todos que de uma forma ou de outra, contribuíram com a sua participação directa ou indirecta, para que a realização deste trabalho fosse hoje uma realidade.

## ÍNDICE

<b>I – INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
1.1. JUSTIFICAÇÃO E PERTINÊNCIA DO TEMA	
1.2. OBJECTIVOS	
1.3. METODOLOGIA	
1.4. ESTRUTURA DO TRABALHO	
<b>II – MODO OPERATIVO DE APRESENTAÇÃO DO TEMA .....</b>	<b>11</b>
2.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
2.2. JUSTIFICAÇÃO DO CORPUS SELECIONADO	
2.3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO PERFIL DO POETA	
2.4. BREVE DEFINIÇÃO DOS CONCEITOS	
“MÍSTICA”/“MISTICISMO”/“MITO”/RELIGIOSIDADE”/“SAGRADO”	
<b>III – HAVERÁ MÍSTICA NA POESIA DE PEDRO MONTEIRO CARDOSO? .....</b>	<b>21</b>
3.1. FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO, DO DIVINO NA POESIA DE PEDRO MONTEIRO CARDOSO, EXEMPLIFICADOS NOS POEMAS SELECIONADOS	
3.2. BREVE ILUSTRAÇÃO HISTÓRICA DA POESIA RELIGIOSA DE OUTROS POETAS DE LINGUA PORTUGUESA	
<b>IV - CONCLUSÃO .....</b>	<b>50</b>
<b>V – BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>53</b>
<b>ANEXOS – DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS.....</b>	<b>56</b>

## **I – INTRODUÇÃO**

### **1.1. JUSTIFICAÇÃO E PERTINÊNCIA DO TEMA**

Para começar, introduziríamos o conceito de “mística”. Por vezes este conceito apresenta-se “vago/amplo”, dadas as várias definições que nos são apresentadas, segundo as posições de cada autor. Não pretendemos definir a mística de “per si” não é o fulcro do trabalho que elaboramos. O nosso principal objectivo é averiguar se existe ou não, uma mística no conjunto dos sete poemas de Pedro Monteiro Cardoso, intencionalmente seleccionados, e que justificam e fundamentam o tema do nosso trabalho.

Em termos de definição genérica a mística constitui um encontro do Homem com as coisas divinas ou sagradas, cuja presença se verifica quase em todas as comunidades humanas, embora revestido de formas e de manifestações muito diferenciadas.

Na opinião de Mircea Eliade <sup>(1)</sup>, *no que respeita ao homem religioso natural* “o cristão pode muito bem ser um homem que renunciou a encontrar a sua salvação espiritual nos mitos e na única experiência dos arquétipos imanentes; ele não renunciou, no entanto, a tudo o que significam e efectuam os mitos e as simbolizações para o homem psíquico, para o microcosmo (...). Daí que a fé cristã seja sustentada por uma revelação histórica: é a manifestação de Deus no Tempo que assegura, aos olhos do cristão, a validade das Imagens e dos Símbolo”.

Segundo Gladstone Chaves de Melo <sup>(2)</sup>, a propósito do livro: “Imagem da Vida Cristã” de Frei Heitor Pinto, “*É que só raramente a poesia religiosa pode considerar-se mística*”. De acordo com o conteúdo transcrito nem toda a poesia religiosa é mística.

O objecto deste trabalho é procurar na poesia de Pedro Monteiro Cardoso a presença e a manifestação de algo que se aproxima à poesia mística.

Por outro lado, a escolha deste tema prende-se não só com a curiosidade e o ensejo, em verificar se realmente existe ou não uma mística na poesia de Pedro Cardoso, como também, de alguma forma manifestar o gosto e a paixão adquiridos no estudo da Literatura Cabo-Verdiana, particularmente no que respeita aos textos poéticos lidos e estudados em vários momentos.

É nossa convicção que o tema escolhido para o trabalho albergará alguma pertinência pois poderá, na linha de uma continuidade, analisar uma das facetas menos conhecidas do poeta em apreço. É claro que temos a consciência de que se trata de um início nesta matéria, de uma longa caminhada, que poderá ser mais tarde aprimorada porque será mais estudada, mais trabalhada. Logo, as respostas às nossas questões poderão assim aproximar-se mais de um grau de exactidão.

Como temos vindo a dizer, é propósito deste trabalho abordar a mística numa perspectiva religiosa, sem deixar também de ter em vista as valências cultural e literária dos poemas em análise.

Apenas como informação complementar, acrescentaremos que para a construção e o desenvolvimento do tema proposto partimos de algumas interrogações:

- . Haverá uma mística na poesia de Pedro Monteiro Cardoso?
- . O contacto com o sagrado através da poesia, do poeta foguense deveu-se a factos circunstanciais? Ou foi resultado de um percurso reflexivo?

---

<sup>(1)</sup> In: Imagens e Símbolos – Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso.

<sup>(2)</sup> In: imagem da Vida Cristã de Frei Heitor Pinto (in: Dicionário de Literatura).



. Terá havido influências outras (intertextos) ou de natureza familiar, da educação, do meio e da época na poesia “mística” de Pedro Monteiro Cardoso?

É sobre isso que incidirá a nossa pesquisa, para concluirmos se existe ou não uma mística na poesia de Pedro Monteiro Cardoso. Se de facto existe, como se manifesta, como se insere no todo poético (texto) de Pedro Cardoso? Haverá pontos convergentes e/ou divergentes, que tornam os poemas, cada um, uma fracção de um todo homogéneo? Será que os textos poéticos deste autor encorpados no louvor e na exaltação da cristandade, exemplificadas nas figuras maiores, a da Virgem Maria, a da Mãe, a do filho, Jesus Cristo, conterão uma mística?

Como procedimentos metodológicos, elegemos a pesquisa bibliográfica, umas activas e outras passivas. A constituição de um “corpus” textual e sua análise, e a leitura analítica interpretativa dos textos literários seleccionados, foram os passos seguintes.

Considerámos os sete poemas seleccionados como representativos. Daí, ter sido fundamental a análise dos poemas, para melhor se compreender o papel do sagrado, do divino na poesia do poeta da ilha do vulcão.

## 1.2. OBJECTIVOS

Para obtenção deste trabalho, delineámos os seguintes objectivos:

### **Gerais:**

- Realizar um trabalho de pesquisa para monografia do fim do curso de Licenciatura em Letras (Ensino);
- Entender através da pesquisa e das leituras de obras que tratem, a problemática do sagrado e da mística na obra poética;
- Trazer ainda que de forma breve uma análise comparada de alguns poetas do mundo académico que versam nos seus textos o tema do sagrado e do divino;
- Estudar um tipo de poesia e um autor que aparenta estar um pouco “esquecido”;

**Específicos:**

- Mostrar a importância dos poemas de Pedro Cardoso em que o poeta evoca o sagrado, o divino, no conjunto de sua produção poética e naquilo que ela concorre para o entendimento da poética cabo-verdiana;
- Incidir sobre uma faceta menos conhecida do vate fogueense que é o de louvor aos seres sagrados e a sua condição de crente expressa nos poemas;
- Trazer eventualmente algumas novas informações sobre o tema, em questão;

**1.3. METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento deste trabalho, recorreremos, particularmente no plano metodológico, à pesquisa bibliográfica, através da consulta a publicações que explicam a questão da “mística” na literatura e a poesia de louvor aos seres sagrados e divinos.

De igual modo, constituímos, seleccionando, o corpo textual de análise e procedemos à análise interpretativa dos textos poéticos de Pedro Monteiro Cardoso.

**1.4. ESTRUTURA DO TRABALHO**

O trabalho encontra-se estruturado em cinco capítulos como vem indicado no índice previamente apresentado.

A lógica a que obedeceu a estruturação da presente monografia, subordinou-se às etapas que se foram construindo e vencendo ao longo da sua elaboração. É assim que, uma vez seleccionados os textos a que chamámos: “corpus textual” e que na nossa opinião, melhor representam a faceta “mística” na poesia de Pedro Monteiro Cardoso e que estão incluídos no capítulo III, partimos para a pesquisa das bases teóricas-históricas e literárias que pudessem integrar o capítulo II. O ponto 3.2. deste trabalho (já no capítulo III) representa a tentativa de

espelhar a “tradição”, ou seja, a existência na poesia em Língua Portuguesa, de textos poéticos de louvor; de exaltação ao divino e ao sagrado. Com efeito, partimos do século XVII com Frei Agostinho da Cruz, poeta português do barroco; passando pelo século XIX com Guilherme Dantas e Antero de Quental, o primeiro cabo-verdiano e o segundo português, indo até ao século XX ilustrado pelos poetas Osvaldo Alcântara e Adélia Prado.

Afinal, a nossa intenção foi a de ilustrar que a “mística” ou aproximação dela, a poesia de inspiração religiosa/cristã sempre existiu na poética de Língua Portuguesa. Logo, Pedro Monteiro Cardoso não esteve só. Antes, durante e depois dele, inúmeros poetas de Língua Portuguesa, escreveram inspirados versos, versando o tema.

A força cultural e o intertexto bíblico/cristão constituem poderosas fontes de inspiração, de exemplo, de procura de temas exaltantes do poder divino.

No capítulo II também foi incluída uma definição breve em torno dos conceitos “mística”, “mito”, “religiosidade” e “sagrado”.

O capítulo IV – descreve um ponto de chegada, ou seja, apresenta sob forma de conclusão nossa a existência ou não de “mística” na poesia de Pedro Cardoso.

No capítulo V vêm anexados a bibliografia consultada, os anexos, mais a biobibliografia de Pedro Monteiro Cardoso consultada para a realização do trabalho final.

## II – MODO OPERATIVO DA APRESENTAÇÃO DO TEMA

### 2.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com alguns autores consultado, destacamos Gladstone Chaves de Melo <sup>(3)</sup>, que afirma que em “*Portugal, por Literatura mística devia apenas entender-se o conjunto de obras, como beleza literária, que procuram comunicar o inefável da “experiência” de Deus. Ficaria assim reduzidíssimo o âmbito do campo abrangido pela designação. É que só raramente a poesia religiosa pode considerar-se mística; e os tratados de teologia, mesmo os da teologia mística, dificilmente se poderão “arrumar” sob tal rubrica. A mística, usando de termos já clássicos, definir-se-á com ser o desenvolvimento da vida da graça, por operações cujo modo ultrapassa as exigências da própria graça quer dizer, por meios extraordinários. Neste caso, só as obras que tratem desse desenvolvimento carismático da vida sobrenatural tem jus a classificação de obras místicas. E, para se integrarem adequadamente nos domínios da*

---

<sup>(3)</sup> ) In: Gladstone Chaves de Melo (in: Dicionário de Literatura).

*literatura mística, hão de atingir aquele nível de beleza a que é obrigada toda a verdadeira criação mística. E obedecem às condições apontadas as obras de S. João da Cruz, ou as de Santa Teresa de Ávila”.*

Ainda para o mesmo estudioso, “no Brasil, aceitando a restrição de se considerar *lato senso*, “*Literatura mística*” como “*a obra literária que trata da experiência existencial de Deus*”. Ainda assim, na opinião do mesmo estudioso, “*é muito pobre o género da Literatura Brasileira*”, embora mais adiante, neste trabalho haja o caso da poetisa Adélia Prado (ver III – 3.2.).

Como resultado também das outras leituras feitas, podemos afirmar que para “*alguns teólogos, a mística consiste, precisamente, no modo extraordinário de uma comunicação de Deus sensível, para outros, a mística seria apenas a plenitude da vida cristã. Neste caso, classificar-se-ão de místicas obras como livros de espiritualidades, biografias de homem de fé. Que relatem, sobretudo, os caminhos da sua adesão a Deus, poemas que cantem sob qualquer espécie (exaltação ou dor) o encontro do humano com o divino*”<sup>(4)</sup>.

Nesta linha de ideias, e tendo em conta os sete poemas propositadamente escolhidos que justificam e fundamentam o tema do nosso trabalho, colocar-se-nos a seguinte questão: Será que não existe uma mística nestes poemas? Ou pelo menos em alguns deles? – Como por exemplos nos poemas: “À Virgem Maria”, “Bemdito”, “Deus”, “Fé”, “Novíssima” e “Ressurreição”. Se observarmos bem estes poemas veremos que reflectem essa espiritualidade, essas biografias de homens de fé, relatando os caminhos da sua adesão com Deus. Os poemas cantam esse encontro do humano com o divino, ora em forma de exaltação, ora sob forma de uma dor.

Trazemos à tona uma outra citação de Gladstone Chaves de Melo, já aqui citado: “*É que só raramente a poesia religiosa pode considerar-se mística, e os tratados de teologia, mesmo os de teologia mística, dificilmente se poderão “arrumar” sobre tal rubrica*” (fim da citação). Outro factor que nos leva a interrogar de novo, é o facto de apesar, de Pedro Monteiro Cardoso ter estudado no Seminário Liceu S. Nicolau e ter recebido uma educação religiosa, chegando ao ponto de estudar para padre, não se tendo ordenado por falta de vocação. Isso levanta algumas dúvidas sobre a sua crença total. Assim, segundo as informações colhidas junto dos familiares de Pedro Monteiro Cardoso, depois de este ter descoberto que não tinha real vocação e dela ter duvidado, decide sair do Seminário Liceu. A partir daí envolveu-se com várias outras religiões, possivelmente numa procura inquieta da religião que melhor lhe respondesse às dúvidas, e aos

---

<sup>(4)</sup> In: Maria de Lurdes Belchior.

questionamentos próprios de um espírito culto. Chegou mesmo a questionar a Igreja Católica, inclusivamente teve uma fase, ainda que fugaz, de maçónico e de racionalista cristã.

Neste ponto passamos a citar as palavras proferidas por uma prima mais velha do Pedro Monteiro Cardoso: “ *A família sempre teve como 1ª religião a Igreja Católica. Depois, com a “queda” do Pedro, Adventista, depois Nazareno e até com espiritismo. O maior sonho da mãe do Pedro, era que este fosse padre, daí um dos motivos pelos quais os pais o colocaram no Seminário, exactamente, com a intenção de formá-lo como padre. No entanto, o Pedro, este desistiu dizendo que não tinha vocação para aquilo. Foram estas as palavras do Pedro: “Não fui padre porque senti que não tinha vocação para tal e muito menos para seguir as normas prescritas.”* O facto de termos obtido estas informações, aumentou a nossa curiosidade na procura de alguma “mística” nos poemas atrás referidos.

Alguns autores consideram que a palavra “mística” tem tido emprego abusivo e é usada nas mais várias e “desvairadas” acepções. Daí que deva haver um cuidado muito grande no seu enquadramento e na sua aplicação quando se sai do campo teológico e religioso para o desvendar na Literatura.

## 2.2. JUSTIFICAÇÃO DO “CORPUS” SELECCIONADO

Como forma de justificar o conjunto de poemas, objecto de análise neste trabalho apoiámo-nos em Carlos Reis<sup>5</sup> que diz que o vocábulo “*Poesia*, pode ser ambíguo, usado sem adjectivação modal, já que pode remeter para os textos versificados de um modo geral, tanto os propriamente líricos, como os narrativos ou até os dramáticos”. (Em nota de rodapé, ele considera deficiente o recurso ao vocábulo *poesia* (p. ex., uma poesia de “Bocage”, ou uma poesia de “Antero”) para designar o texto lírico, enquanto entidade singular isolada.

Segundo a definição dicionarista, (<sup>5</sup>) a poesia é “ ... elevação de ideias; carácter que desperta o sentimento do belo (do Grego *poiesis*, “acção de fazer alguma coisa”, pelo It. *poesia*, “poesia”).

---

(<sup>5</sup>) In: J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo (in: Dicionário da Língua Portuguesa).

Para nós a **Poesia** é a forma mais sugestiva de expressar, pois que desperta também uma gama variada de impressões e de sentimentos entre as quais destacaríamos o estético, o belo, jogos de palavras, de sons, de significados que juntos e sob forma de versos convidam o leitor a uma certa êxtase, quando o ritmo, a perfeição se aliam no conjunto que constitui no poema.

A poesia constitui sem dúvida uma das mais antigas formas literárias. Escritores/poetas abraçaram-no primeiro como elevação de ideias, inspiração para o alcance de uma perfeição, depois, como forma de manifestar sentimentos quer eles fossem de carácter pessoal quer fossem de natureza religiosa, quer ainda de matriz poética, lúdica, satírica ou social.

Ora o poeta Pedro Monteiro Cardoso, num período que podemos delimitar de 1924 a 1932, experimentou, escreveu uma poesia de exaltação ao divino que nos tocou pelo seu poder poético, neles achando aliança necessária para realizar o trabalho e os objectivos preconizados. É assim, que os sete poemas seleccionados constituem a parte analítica principal da monografia e que eventualmente nos permitia descortinar aquilo que dá o título ao trabalho: Haverá “mística” na poesia de Pedro Monteiro Cardoso?

Nesta conformidade vale reiterar que o tema do nosso trabalho não é uma afirmação, mas sim uma interrogação que procura confirmar ou infirmar, através de análise a existência ou não da “mística” na poesia de Pedro Monteiro Cardoso.

### **2.3.CONTEXTUALIZAÇÃO DO PERFIL DO POETA PEDRO CARDOSO**

Ao longo do seu percurso de escritor, de intelectual, Pedro Monteiro Cardoso revelou várias facetas quer como jornalista, quer como poeta interventivo, que o situaram como homem de combate, de muita frontalidade crítica. Não é por acaso que ele foi fundador e proprietário de um jornal curiosamente intitulado “Manduco”. Mas Pedro Monteiro Cardoso é também um poeta lírico, um atento folclorista, um defensor de ideais libertários que, sob o pseudónimo “Afro”,

explanou em vários textos escritos e publicados sobretudo após a implantação da República em Portugal em 1910.

Assim, enquanto pensador ele adiantou-se um pouco para sua época, pois denuncia no poema “ODE À ÁFRICA” a necessidade da libertação da África, como também exorta/exalta o nosso continente. Este poema reflecte uma visão que é real e ao mesmo tempo reflecte um idealismo professo à liberdade dos oprimidos em tempo prematuro.

Nota curiosa: Pedro Monteiro Cardoso dá a um dos filhos o nome Afro, retirado do seu pseudónimo.

Através de uma poesia e de uma prosa sólidas e estruturantes, do seu texto literário, Pedro Monteiro Cardoso vai se distinguindo e singularizando entre os seus pares da época.

A tudo isto, acrescenta-se-lhe o grande domínio que possuía tanto da língua materna como da língua portuguesa, para delatar de forma subtil ou explícita os males políticos, sociais, económicos e culturais que se faziam sentir em Cabo Verde em particular e em África no geral.

Verifica-se igualmente neste poeta foguense, um espírito nacionalista e patriótico. Foi também um acérrimo defensor dos ideais republicanos e democráticos. A sua forma de ser e de estar em sociedade fazia com que ele desfrutasse de grande estima e prestígio entre os seus coevos, tanto dentro como fora do arquipélago. Embora grande parte da sua obra fosse em língua portuguesa, foi igualmente, um dos mais devotados e lúcidos defensores da valorização do dialecto crioulo de Cabo Verde, tendo a propósito, e para além da sua própria contribuição como criador, travado polémicas na imprensa local.

O poeta conseguia captar do povo das ilhas, especialmente o da sua ilha natal, o Fogo, a exteriorização dos seus sentimentos e transpô-los para a sua obra de uma forma fidedigna. Nessa perspectiva compreendemos toda a grandeza e toda a riqueza da colheita/subsídios que fizeram com que ele publicasse o seu valiosíssimo “FOLCLORE CABO-VERDIANO”. “... talvez *dos primeiros apontamentos etnográficos que possuímos, elaborados por gente nossa. Sem ser obra dilatada, tem sempre consulta assídua por focar heranças e tradições já quase em desaparecimento, principalmente na ilha do Fogo. A preocupação de Pedro Cardoso em anotar o modo de falar dos seus conterrâneos foi a razão de ter colhido elementos com que elaborou noções elementares de gramática, no seu “DIALECTO CABOVERDIANO” – em 1933*”.<sup>(6)</sup>

---

<sup>(6)</sup> In: Luís Romano – Ponto e Vírgula – revista de intercâmbio cultural número 4 – Agosto/Setembro 1983.



Convinha ajustar que Pedro Monteiro Cardoso esboçou uma Gramática Cabo-verdiana que, infelizmente, não chegou a ser publicada, e que também se preocupou muito para que as dez ilhas tivessem uma Língua oficial.

Das suas obras destacamos, para além do “Folclore Cabo-Verdiano, 1933”; “Jardim de Hespérides, 1926”; “Algas e Corais, 1928”; “Sonetos e Redondilhas, 1934”; “Lírios e Cravos, 1951”; “E mi que é Ilha’ r-Fogo, 1941” e com a música do seu amigo e correligionário, Agnelo Henriques, escreveu os versos do hino dos “Falcões” do Fogo, posteriormente considerado hino da Ilha do Fogo.

Pedro Monteiro Cardoso, foi poeta, jornalista, professor, funcionário público, foi considerado um dos fundadores da Literatura Cabo-verdiana no século XIX, e também considerado Pré-Claridoso juntamente com Eugénio Tavares, José Lopes e Januário Leite.

## **2.4. BREVE DEFINIÇÃO) EM TORNO DO CONCEITO “MISTICA” “MISTICISMO”/”MITO”/”RELIGIOSIDADE”/”SAGRADO”**

Para melhor compreensão e enquadramento da semântica relativa aos termos de que ao longo do trabalho nos iremos ocupar, fica o registo de algumas acepções retiradas dos Dicionários.

### **Algumas definições dos vocábulos: “mística”, “sagrado”, “mito”, “ religiosidade”**

#### **a) Afinidade - Religiosa/Teológica**

Mística –“(s.f.) Estudo das matérias divinas ou espirituais”.

Mística – (s. f.) “Vida religiosa e contemplativa. Conjunto de praticas que conduzem ao êxtase; misticismo”.

Mística – (s.f.)” Crença ou atitude em que o sentimento se sobrepõe à lógica; fanatismo.

“ Segue a mística do medo de contrariar a ordem estabelecida, o superior, a lei.”

Mística - Estudo das coisas divinas ou espirituais.<sup>(7)</sup>

Mística – “Estudo das coisas divinas ou espirituais; vida contemplativa por extremo fanatismo doutrinário”.<sup>(8)</sup>

Mística – “Estudo das coisas divinas e espirituais, vida contemplativa; misticismo; adesão profunda e activa, a valores e princípios; fé irracional num homem ou numa doutrina; formalismo (De místico) ”.

Mística – “ (s. f.) (1662 cf S.Dom) – Conhecimento ou estudo do misticismo”.

Mística – “Tendência para a vida religiosa e contemplativa, com ocupação contínua da mente nas doutrinas e praticas religiosas; misticismo”.

Mística – “fervor religiosa que faz o místico alcançar um estado de êxtase e de paixão, e cujo objecto é a divindade”.

P. ext. Conteúdo de uma ideia, causa, instituição, etc. ou a atmosfera ou aurora de perfeição, verdade, excelência incontestável que as cercas, despertando nas pessoas respeito, adesão apaixonada, devoção, sectanismo, etc., conhecimento místico de Deus. ANTÓNIO HOUAISS – PORTUGAL Dicionário Houaiss – da Língua Portuguesa – Temas e Debates – Lisboa – 2003).

### **b) Filosófica/Teológica**

Mística – “ (adjectivo) que contém o carácter de alegoria (falando de coisas religiosas) dado à vida contemplativa; relativo à vida espiritual; o que promessa o misticismo; contemplativo; o que escreve sobre o misticismo”.<sup>(9)</sup>

---

<sup>(7)</sup> In: *Grande Dicionário de Cândido de Figueiredo* – H-Z.

<sup>(8)</sup> In: *Dicionário Universal – Língua Portuguesa*, Nova Edição. Revista e Actualizada. Nova Editora.

<sup>(9)</sup> In: *Grande Dicionário Enciclopédico* – verbo II volume, -Editorial – Verbo – Lisboa/S.Paulo (Junho de 1997).

### c) Diferença – Sociológica

**Mística** – adesão arrebatada aos grandes valores, a princípios ideais. A mística do pacifismo destacou-se bastante na geração de sessenta. <sup>(10)</sup> Exemplo: “Era natural que um ambiente antes desfavorável que a simpatia à mística de pureza de idioma alcançasse fraca repercussão no sentimento brasileiro”.

### d) Histórica/Teológica

**Mística** – “Essência de uma doutrina. A mística liberal. A mística Nacionalista. A mística demográfica. “Não acreditava cabalmente em nenhuma forma de salvação de humanidade em nenhuma receita política, em nenhuma mística capaz de transformar o mundo.” <sup>(11)</sup>

**Misticismo** – s. m. Atitude caracterizada pela crença na possibilidade de comunicação directa com o divino ou a divindade; atitude essencialmente afectiva que dá prioridade às crenças intuitivas, que garantiriam revelações inacessíveis ao conhecimento racional; tendência para acreditar em verdades sobrenaturais; devoção exagerada (De místico +ismo). <sup>(12)</sup>

**Misticismo** – em seu mais simples e essencial significado, é um tipo de religião que enfatiza a atenção imediata da relação directa e íntima com Deus, com a consciência da Divindade Presença. É a religião em seu mais apurado e intenso estágio de vida. O iniciado que alcançou o “segredo” foi chamado *um místico*. Os antigos cristãos empregavam a palavra “contemplação” para designar a experiência mística. <sup>(13)</sup>

**Mito** – “elemento de formação de palavras que exprime a ideia de mito (Do grego mythos, “Fábula).

**Mito** – “narrativa fabulosa de origem popular; relato das proezas de deuses ou de heróis,

---

<sup>(10)</sup> In: G. Freira. Mundo, p.57 (in: Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea – Academias das Ciências de Lisboa – G-Z- Verbos).

<sup>(11)</sup> In: Urbano T. Rodrigues, Aves de Madrugada p.181 -189 (in Dicionário de Literatura).

<sup>(12)</sup> In: Dicionário da Língua Portuguesa – Dicionários Editora – 8ª Edição – revista e actualizada. Porto Editora.

<sup>(13)</sup> In: Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. A interpretação de Michelangelo sobre o Céu.

susceptível de dar uma explicação do real satisfatória para um espírito primitivo; elaboração do espírito essencialmente ou puramente imaginativa; alegoria; representação falsa, por simplista, mas geralmente admitida por todos os membros de um grupo; representação de uma coisa inteiramente irreal; exposição de uma ideia ou de uma doutrina sob forma voluntariamente poética e quase religiosa; lenda (Do grego *mythos*, “palavra expressa” pelo latim *mythu*, “fábula; mito).<sup>(14)</sup>

**Religiosidade** – “s.f. (lat. *Religiositare*). Piedade. Disposição para os sentimentos religiosos”.<sup>(15)</sup>

**Religiosidade** – “Qualidade do que é religioso. Sentimento de escrúpulos religiosos. *Neol.* Disposição ou tendência religiosa. (Lat. *Religiositas*)”<sup>(16)</sup>

**Sagrado** – Do latim “relativo a Deus, a uma divindade. Que recebeu a consagração; que cumpriu as cerimónias da sagração; (...). Venerado, adorado, considerado como se fosse divindade (...). Relativo à religião ou ao culto (...) “(12) ( in: <http://planeta.clix.pt/faty/Religião.html>).<sup>(17)</sup>

**Sagrado** – é, (...), uma categoria de interpretação e de avaliação que, como tal só existe no domínio religioso”.<sup>(18)</sup>

**Sagrado** – “adj. E p.p. relativo a Deus, a uma divindade. Que recebeu a consagração; que cumpriu as cerimónias da sagração; que se sagrou. Venerado, adorado, considerado como se fosse divindade. Que recebeu um carácter de santidade por meio de certas cerimónias religiosas; Santificado; divinização; considerado como possuindo atributos divinos”.<sup>(19)</sup>  
Editorial Confluência).

---

<sup>(14)</sup> In: Idem (12).

<sup>(15)</sup> In: Lexilello – Novo Dicionário da L. Portuguesa com um Epítome de Regras gramaticais e ortográficos – volume IV – Genebra – República.

<sup>(16)</sup> In: Cândido de Figueiredo (in: Dicionário da Língua Portuguesa – Volume II – A a Z -23ª Edição.

<sup>(17)</sup> In: Net <http://Planeta.clix.pt/faty/Religião.html>.

<sup>(18)</sup> In: Idem.

<sup>(19)</sup> In: António de Moraes Silva (in: Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa - Volume V – Editorial Confluência.

**Sagrado** – adj. Do lat. *Sacratu.*, p.p. do v. *sacrare*, “Consagrado, santificado, santo; augusto; sagrado, venerável”. Séc. XIII: “non acharon na colmea erg’a ostia *sagrado*”, St. Maria, N° 128, vol. II. <sup>(20)</sup>

---

<sup>(20)</sup> In: José Pedro Machado (in: Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa – Quinto volume – Q-Z.

### III – MÍSTICA NA POESIA DE PEDRO MONTEIRO CARDOSO?

#### 3.1. FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO, DO DIVINO NA POESIA DE PEDRO MONTEIRO CARDOSO, EXEMPLIFICADOS NOS POEMAS SELECCIONADOS

*“À Virgem Maria”*

*“A Juventude ao começar o estudo,  
e o sábio crente a meditar sisudo.  
curvam-se sobre os livros e murmuram:*

*Ave-Maria!*

*Nauta infeliz que por revoltos mares  
chora saudades dos paternos lares,  
se ouve bramir a tempestade, reza:*

*Ave-Maria!*

*Enfermo sem alívio nem venturas  
dum hospital nas enxergas duras  
ergue-se na asa da esperança e clama:*

*Ave-Maria!*

*O pecador, ovelha fugitiva  
do santo aprisco, e ao Bom Pastor esquiva,  
se arrependido volta, diz chorando:*

*Ave-Maria!*

*Invocando-Vos, Virgem Pura e Santa!  
quer no céu, quer na terra, tudo canta  
com sã ternura e fervido transporte:*

*Ave-Maria!*

*Eu sempre Vos exoro, oh! Mãe Bendita,  
em horas de tristeza ou de alegria!  
Ah! Concedei me, pois, a excelsa dita  
de morrer invocando-Vos, Maria!”<sup>(21)</sup>*

### **Análise: Poema 1 – “À Virgem Maria”**

Este poema tem como tema central exaltação, louvor à uma entidade onipotente, a Virgem Maria. O referido tema correlaciona-se com o assunto, onde o sujeito poético divide o poema em duas partes. Por exemplo nos 1ºs 4 tercetos considerados como uma 1ª parte, o sujeito poético explana os sujeitos penitentes que invocam a protecção da Virgem, ou seja, estes sujeitos fazem uma oração antes de qualquer actividade ou decisão, pedindo “a protecção”, “a ajuda”, “a bênção”, daquela que é a mãe e como tal tem a função de proteger, de amar, de ajudar. Na segunda parte deste poema, a postula dos dois tercetos finais fecham com chave de ouro, a síntese da explanação ao longo do poema. O sujeito poético engrandece o poder da santa quer no céu, quer na terra, onde tudo é cantado com ternura e alegria. O próprio poeta inclui-se neste grupo de sujeitos penitentes que agrade a grandeza e a generosidade da Virgem, chegando ao ponto de

---

<sup>(21)</sup> In: Pedro M. Cardoso (Fogo – Cabo-Verde) - 1927

Almanach de Lembranças 1854-1932 – Textos seleccionados por GERALD M. MOSER - Edições

mostrar o seu lado de crente pedindo à Virgem, a graça e a concepção, dele poder invocar, até mesmo no momento da sua morte, o bendito nome da Virgem:

*“Eu sempre vos exoro, oh! Mãe Bendita, em horas de tristeza ou de alegria!*

*Ah! Concedei-me, pois a excelsa dita de morrer invocando-vos, Maria!”*

Está-se perante um poema de louvor à Virgem Maria.

A exaltação, o louvor à Virgem Maria constrói-se num crescendo que parte: “*Os jovens estudantes*”, “*o sábio crente*”, “*o marinheiro*”, “*o pescador*”, “*o doente que ainda tem esperança*” e o próprio poeta. São eles os sujeitos penitentes que invocam a protecção da Virgem Maria, para além disso, o poeta agradece também à Virgem pela bondade e pela generosidade que ela tem para com “*a nauta infeliz*”, “*o pescador fugitivo*”, “*o enfermo desesperado*”.

O próprio título já se encontra carregado de significações, não exalta a qualquer humano comum, mas sim um ser transcendente, invulgar e divino, a Santa, Mãe-Bendita-Maria.

O poeta vai do particular/individual ao geral/colectivo.

É assim que na quinta estrofe o (s) verso (s) “*...tudo canta com sã ternura e fervido transporte: Ave-Maria!*”

O refrão “**Ave-Maria**” enfatiza e reitera a profunda devoção que o poeta sente ao invocar a senhora mais sublime e pura – “A Virgem”.

Por outro lado, a presença da interjeição exclamativas: Ah! /Oh! que também é uma constante no poema à “Virgem Maria” – como que reforça a admiração sem limites, expressa pelo sujeito poético.

Pedro Monteiro Cardoso, respeitando os cânones ou os modelos da construção do texto poético em vigor à época, apresenta o seu poema munido de rimas que se diversificam da seguinte forma:

**1ª estrofe:** “a a b” ;

**2ª estrofe:** “c c d” ;

**3ª estrofe:** “e e f” ;

**4ª estrofe:** “g g h”;

**5ª estrofe:** “i i j”;

**6ª estrofe:** “k l k’l’” – cruzada.

Com efeito, na 6ª estrofe, com o sujeito poético, ele próprio com contrita confissão de ser o



maior devoto de Maria, levando essa adoração e desejo de invocação ao extremo da sua própria vida ao dizer:

*“Ah! Concedei-me, pois a excelsa dita/de morrer invocando-Vos, Maria!”*

Para além do mais entende-se que a intenção do autor é não só mostrar os caminhos que os sujeitos penitentes percorrem ao começarem o seu quotidiano, mas sobretudo enaltecer o poder que a Mãe Bendita tem ao fazer deste poder um acto de generosidade, de bondade e sobretudo, do instinto maternal que só ela enquanto mãe tem e concede aos filhos. O poeta sente-se beneficiado enquanto parte integrante do grupo dos sujeitos penitentes. Assim, ele aproveita para espelhar o seu sentimento de homem projectando-se sobre a realidade, transformando-a por acção da palavra, interpretando-a e apropriando-se, dela enquanto poeta.

É de salientar que o poema em análise não obedece um aspecto formal rígido, tendo em conta os cânones/modelos do texto poético em vigor à época, mas apresenta uma estrutura formal em forma de uma oração, onde o pedido é reforçado pelo refrão que corresponde de certa forma o “coro pedinte” – Ave-Maria.

Nota-se que o poema em estudo não apresenta uma vasta gama de figuras de estilo, com excepção no 3º terceto, no último verso que é nos apresentado a presença de metáfora quando diz no seguinte verso: *“...ergue-se na asa da esperança e clama: Ave-Maria!”*

Podemos afirmar que o poema em estudo apresenta uma perspectiva sagrado-religiosa.

### ***“Bemdito”***

*“Na luz do luar de opala,  
das aves na melodia;  
dos campos na verde gala,  
das ondas na litania;  
do sol no fulgor intenso  
nos uivos da ventaria;  
das flores no olente incenso,  
da musica na harmonia;  
nos cantos da mocidade,  
na divina Poesia,  
e nos prantos da saudade;*

*seja noite, seja dia,  
 quer no campo, quer na igreja,  
 quer na terra quer nos ceus  
 Bemdito e louvado seja  
 o santo nome de Deus! <sup>(22)</sup>*

### **Análise: Poema 2 – “Bemdito”**

O poema Bemdito apresenta como tema uma descrição da natureza em sintonia e harmonia com o poder de Deus. Nesta descrição o sujeito poético agradece as maravilhas feitas pelo Altíssimo. Sendo assim, Deus é louvado não só nos espaços dedicados ao culto (templo, igreja, ...etc.), mas também em toda parte. Como é óbvio, o assunto do poema é Deus louvado, exaltado, enaltecido pela sua grandeza. Deus é proclamado, no céu, na terra, pelos homens, pela natureza, seja noite, seja dia.

O poema em estudo apresenta uma só parte onde, ao longo do mesmo, o sujeito poético canta a natureza sobretudo, como criatura que louva, em perfeição a beleza do seu criador. Verifica-se, assim uma exaltação/louvor espiritual. Deste modo constatámos uma certa crença por parte do vate em estudo, quando explana com gosto/satisfação a glória, as maravilhas do Senhor Todo-poderoso.

O título “Bemdito”, respeitando a grafia do poeta, sugere-nos algo de glorificado, de bem-aventurado e de abençoado. No contexto do poema, o adjectivo ganha a dimensão de nome, de vocativo passando a valer de “per si”.

O poema constitui-se de uma estrofe única, esta por sua vez é constituída por 16 versos. A conjugação de sons terminais dos versos, está expressa em rima cruzada, cujo esquema é o que se segue:

**Estrofe única:** a b a' b' c b''c' b''' d b'''' d b''''' e f e' f'.

Trata-se com efeito de uma poesia de exaltação de louvor a Deus Todo-Poderoso, cujo poder se manifesta, se reparte e se dilui com a imensidão que lhe é própria: “*Na melodia das aves*”, “*nos campos verdes*”, “*nas ondas da litania*”, “*no sol intenso*”, “*nos uivos da ventania*”,

---

<sup>(22)</sup> ) Pedro Monteiro Cardoso – (1925) - In: Almanach de Lembranças 1854-1932- Textos seleccionados por GERALD M. MOSER – Edições.

*“nas flores”, “na música”, “na harmonia”, “nos cantos da mocidade”, “na divina poesia”, “nos prantos da saudade”.*

Há nitidamente no poema, aquilo que se pode classificar de panteísmo, isto é, a presença, a mão e o poder de Deus em todos os elementos da natureza e em todos os seres humanos. – Glorificação globalizante de Deus.

Para além do mais, o que deslumbra sobremaneira o leitor, na leitura do poema, é a variedade e a riqueza do “corpus” lexical que o poeta sofisticadamente selecciona para “vazar” a sua oração poética ao “Bemdito”. Exemplos: **opala** que significa pedra preciosa, **gala** que significa pompa, solenidade, ostentação, **litanias** que significa oração (do grego litaneia), **incenso** que significa substância resinosa, aromática, que se queima em actos religiosos e que exala em odor característicos, **harmonia** que significa combinação de sons simultâneos agradável ao ouvido, e **mocidade** que significa o frescor e o verdor próprios da pessoa nova aliada à ideia de beleza e de alegria radiosas.

Concluimos que este poema pode ser enquadrado numa perspectiva espiritual, tendo em conta o tema e o assunto do mesmo.

**“ Deus “**

*“Que nos diz a natureza  
vestida de mil encantos,  
ou de luto e de tristeza  
envolta em escuros mantos?*

*Deus! – diz a inocente rola  
no seu gemer magoado  
e o rouxinol quando trina  
ao luar apaixonado.*

*Deus! – rugem do mar as vagas  
contra o céu encapeladas  
e entre a copada folhagem  
as brisas embalsamadas.*

*Deus! – murmuram os ribeiros  
mansamente a deslizar  
e as avezinhas agrestes  
no seu doce gorjear.*

*Deus! – canta a quadra festiva  
com suas galas e flores;  
com os frutos seus o Outono,  
e o Inverno em seus rigores.*

*Deus! – no espaço escreve o raio  
ao bramido do trovão;  
Deus! – responde-lhe fremindo  
na umbrosa selva o leão.*

*Deus! – diz o cedro frondoso  
resistindo ao vendaval  
e a modesta violeta  
na sua voz aromal.*

*Deus! – descantam as estrelas  
brilhando `a noite no céu  
e o sol doirado e jucundo  
fulgindo no azul sem veio!*

*Deus! – cantam no Empirio os anjos,  
Deus! na Terra a Criação,  
e o vate tangendo a lira*

*nos estos da inspiração!* <sup>(23)</sup>

### **Análise: Poema 3 – “Deus”**

À semelhança do poema anterior “Bemdito”, o poema em análise “Deus”, tem como tema que coincide com o título do próprio poema. Porém, o assunto prende-se de certa forma com o deslumbramento do poder da criação que Deus tem sobre tudo e todos. O assunto coaduna-se muito bem com as partes constituintes ao longo do poema, onde o sujeito poético compara a presença/manifestação do onipotente com a consonância existente na natureza. O poema formalmente constitui-se por 9 versos, sendo cada estrofe uma quadra. Apresenta o seguinte esquema rimática:

**1ª Estrofe:** (rima cruzada) a b a’ b’

**2ª a 9ª Estrofes:** (versos soltos com excepção de 2º e 4º versos que apresentam rima cruzada).

Nesta sequência de poemas de intenção religiosa que Pedro Monteiro Cardoso escreveu como parte da sua poética, pode se verificar a recorrência que ele faz de um certo panteísmo na glorificação dos seres divinos Deus e a Virgem Maria. E tanto assim é, que de novo nestes versos se celebram em exortação, o agradecimento, o louvor a Deus dos seres vivos, dos seres inanimados e da natureza no seu todo – não importando as circunstâncias. Quer estas sejam de alegria, de euforia, quer sejam de tristeza, de disforia, de desequilíbrio, de dor; há no entanto, uma convergência que se traduz no mesmo fervor a Deus.

A 2ª e a 3ª quadras lembram ao mesmo tempo a construção poética do tipo clássico/romântico com a colocação das aves, neste caso, de “*aves canoras*”, o “*rouxinol*” e a “*rola*” num cenário edílico da natureza.

Há, de certa forma, a insinuação da fábula a recordar “*no tempo em que os animais falavam*” e aqui no poema “*falam*”, para glorificar Deus.

Verifica-se no poema em análise, um certo deslumbramento do sujeito poético perante o

---

<sup>(23)</sup> In: Pedro Monteiro Cardoso – (Fogo – Cabo Verde – 1924) in Almanach de Lembranças 1854-1932-Textos seleccionados por GERALDO M. MOSER – Edições.

mistério da criação. Ele vê Deus como a entidade criadora e o responsável por tudo o que acontece na terra e nos céus.

Com efeito, seria interessante verificar algumas expressões e suas simbologias/representações. Por exemplo: “luto” simboliza tristeza, escuro (negro – escuridão), tudo cobre, que chega a escuridão; “rola/rouxinol” simbolizando aves, pássaros; “Luar” que simboliza Lua, que tem uma outra significação de fêmea, do feminino, fecundidade, ainda emblema o branco, a tranquilidade, a paz, a transparência; “Deus” representa aquele que está em cima de tudo e de todos, o onnipotente/omnisciente, o poderoso, o salvador, o Santíssimo, o Altíssimo; “mar” que simboliza profundezas em contraste com “céu” alturas; “Outono” em contradição com o “Inverno”; “trovão” representa o poder concedido à natureza por Deus criador; “dourado” que significa a cor do ouro – ouro; “anjos” que significam a purificação, o caminho para a salvação, e a própria expressão “Criação” no mundo da mitologia representa poder de Deus sobre, que coincide também com a simboliza da Bíblia. Por tudo que ficou dito, concluímos que o poeta além de ter um espírito crente, também patenteia um grande conhecimento bíblico, daí a escolha, a selecção cautelosa das expressões que dão conta dessa sua crença, da sua cristandade. Desta forma, esses elementos remetem-nos não para uma mística no seu verdadeiro sentido de ser, mas sim para uma grande religiosidade, que já é um princípio para se chegar a mística

### **“ Fé “**

*“Em pequeno lendo um dia  
A Bíblia – lembra-me bem –  
Perguntei à minha Mãe  
(Santa inocência!) “que havia  
Antes de o mundo ser mundo?”*

*“- Deus! Pois só Ele existia.”*

*Quedei-me em pensar profundo.  
Mas o enigma transcendia  
A débil e inculta mente.*

*De novo interrogo em ânsia:  
 “E antes d’Ele, antes de tudo?”  
 Aguardei sereno e mudo.*

*Então, sorrindo contente  
 Da minha insonte ignorância,  
 Ela disse firmemente:*

*“Criador de quando ha,  
 Deus sempre foi e será,  
 não tem principio nem fim.”*

*Ah! minha Mãe que o dissera,  
 Devia de ser assim!  
 Curvei humilde a cabeça  
 À eloquência do argumento.*

*Eis súbito reverbera  
 Como uma estrêla portento,  
 Esgarçando a névoa espera  
 Da Duvida lutulenta,  
 A Alvorada resplandente  
 Da Fé que a alma aviventa  
 E ilumina intensamente  
 O cáos do pensamento!”<sup>(24)</sup>*

#### **Análise: Poema 4 – “Fé”**

Mais uma vez, o tema coincide com o título “Fé”. Trata-se de mais um poema de temática

---

<sup>(24)</sup> In: Pedro Monteiro Cardoso – (Praia – Cabo Verde – 1932)  
 1854 – 1932 – Textos seleccionados por GERALD M. MOSER – Edições.

religiosa que Pedro Cardoso nos lega neste conjunto que se pode considerar assumida e explicitamente de crença reiterada, de louvor e de exaltação a Deus e às figuras divinas maiores da religião cristã:

*“Criador de quando há,  
Deus sempre foi e será,  
não tem principio nem fim.”*

No caso deste poema intitulado “Fé” houve um momento, um instante em que o sujeito poético na fase infantil, terá questionado o que haveria antes de Deus? E terá sido apenas nesse instante interrogador é que a fé no eterno pai foi abalada. Esta fé é manifestada ao longo do poema. O sujeito poético não hesita em extravasar a profundidade da sua crença, a sua fé, que é o assunto do poema em análise.

O poema divide-se em três partes: Uma 1ª parte, onde o poeta recorda sobre forma de memorialismo a relação afetiva mãe/filho. Nessa parte ainda o sujeito poético interroga o que havia antes do mundo e de Deus. Esta dúvida é esclarecida pela mãe na 2ª parte do poema. A confirmação da fé do poeta é refletida nesta parte. A 3ª parte do poema é síntese de todo o poema, ou seja, é nesta parte que a mente e o pensamento do poeta são iluminados a respeito da sua oscilação:

*“ ilumina intensamente o caos do pensamento”.*

O conteúdo das estrofes constrói-se sob forma de um diálogo entre mãe e filho. Um diálogo em que o filho interroga, quer saber, indaga para conhecer melhor os fundamentos de Deus divino e confirmar assim a sua fé. Com a resposta assisada e judicativa da mãe. Esta responde-lhe com o argumento de autoridade, com o perfeito conhecimento das coisas – os esclarecimentos da mãe funcionaram no espírito e na mente do filho como: “ uma estrela portento...”:

*“ ilumina intensamente o caos do pensamento”.*

A 1ª estrofe retrata-nos sob forma de memorialismo, a relação afectiva mãe/filho, pela a adoração, o respeito, a admiração que o sujeito poético sente pela mãe. Quase que coloca a mãe uma pedestal de Santa. Ainda na mesma estrofe verifica-se um tom de história infantil, de recordação que é narrada em “voz” infantil e intimista:

*“Em pequeno lendo um dia  
A Bíblia – lembra-me bem –  
Perguntei à minha Mãe*



*(Santa inocência) “que havia  
Antes de o mundo ser mundo?”*

Na 2ª e 3ª estrofes continua o tom dialogante de dois interlocutores especiais: a mãe e o filho em torno do tema fé e da existência de Deus. O filho, o narrador em atitudes de submissão filial “*Aguardei sereno e mudo*”.

A 5ª estrofe exalta/exorta Deus como o criador de tudo e de todos. Aquele que não tem princípio e nem fim.

A 6ª estrofe é a pente central da memória/recordação do sujeito poético. Relembra a dúvida que se instalou na sua mente, apesar da mãe, ser para ele, o máximo da verdade e do saber. Entretanto, depois, dá-se uma espécie de revelação em que lhe confirma depois a sua fé “*Ah! Minha Mãe que o dissera/ Devia de ser assim!* Ao mesmo tempo opera-se na criança/sujeito poético uma atitude de aceitação categórica e passiva “*Curvei humilde a cabeça*”. Na última estrofe verifica-se um conforto espiritual em poder articular a fé e compará-la a iluminação eterna do pensamento:

*“Da Fé que a alma aviventa  
E ilumina intensamente”  
O cáos do pensamento!”*

### **“Novíssima”**

Bendito seja Deus que tantos mundos  
Dispôs no espaço com profusa mão!  
Que deu à Terra a ave, a “planta”, a flor  
E a mim, Querida o sol do teu amor,  
O centro, a pura essência da Criação. <sup>(25)</sup>

### **Análise: Poema 5 – “Novíssima”**

O poema em análise apresenta em forma lírica, como tema uma espécie de uníssono agradecimento ao supremo criador, Deus, pela criação do mundo.

---

<sup>(25)</sup> In: Pedro Monteiro Cardoso – (Praia Cabo Verde – 1930)  
Almanach de Lembranças – 1854-1932 – Textos seleccionados por GERALD M. MOSER – Edições.

Este é um poemeto, de estrofe única e cujo assunto nos é apresentado de forma condensada que se diria de um “fôlego” apenas: a confissão apaixonada e o reconhecimento do sujeito poético a Deus que fez o mundo e tudo quanto nele existe, o ter-lhe dado o amor da sua amada. Apercebe-se no correr dos versos uma alegria, uma descoberta maravilhada da “prenda” que Deus lhe dera. Uma vez mais a religiosidade do poeta, o agradecimento ao ser maior, pelo amor concedido e configurado nessa:

*“ Querida o sol do teu amor/ O centro, a pura essência da Criação ”.*

Nessa quintilha (5 versos) verifica-se que o sujeito poético exalta o Bendito Deus, lhe agradecendo o amor que se manifesta em tudo o que cria, sobretudo no amor que lhe deu (ao poeta) “ *Querida o sol do teu amor*”. O sujeito poético faz alusão a esse amor, utilizando recursos tais como, adjectivação/substantivos, que dão conta do poder, da maravilha e da essência como o próprio poeta afirma “*O centro, a pura essência da criação*”.

O sujeito poético revela-se como um grande conhecedor da cultura cristã, cultura essa que é manifestada na sofisticada selecção dos adjectivos, como por exemplo “*profusa/pura*”, que ele utiliza para retratar a grandeza, a generosidade, a abundância, a exuberância do poder de criação do Bendito “Deus”, o outro e a pura essência da criação. É assim, que o sujeito poético faz a menção do poder de Deus, tanto nos elementos da natureza, como no seu próprio amor.

Em jeito de conclusão, afirmámos que este poema se enquadra numa perspectiva espiritual.

### ***“Resurreição”***

*“A lousa por ignóta mão volvida,  
Radiante surgiu o Salvador  
Do tumulto. Eis da morte vencedôr  
O que nos trouxe a redempção e a vida!”*

*A natureza festivel, garrida  
Os crepes funeraes de luto e dôr  
Depõe; e as aves nos vergeis em flôr  
Soltam a voz harmonica e sentida.*

*Ergue tambem aos ceos, Humanidade,*

*Um hymno celebrante a liberdade  
Que te veio trazer o bom Jesus.*

*Surgiu com vida, triumphou do Supremo!  
Hossana ao Christo, filho sempiterno  
De Deus, que se immolou por nós na Cruz!”<sup>(26)</sup>*

### **Análise: Poema 6 – “Resurreição”**

Há uma linha sequencial e interligada no desenrolar do poema. Este poema apresenta como tema a morte e a ressurreição de Cristo Redentor.

Inicia-se com a primeira parte, a 1ª quadra com a morte do Salvador e no momento da ressurreição “*A lousa por ignota mão volvida*”

A sequência seguinte, 2ª quadra, é a transformação, a mudança total dos seres e da natureza com a “volta” do senhor. De tristeza, aqui representada pelos “*crepes funeraes de luto e dor*”, contrapõe: “*A natureza festiva, garrida/ e as aves nos vergeis em flor soltam a voz harmoniosa e sentida*”.

O título deste soneto “**Resurreição**” mostra-os aquele que venceu a morte – ressuscitou. Isso é evidenciado na 1ª quadra – simboliza a Páscoa cristã, o triunfo da vida sobre a morte:

*“A lousa por ignota mão volvida,  
Radiante surgiu o Salvador  
Do tumulto. Eis da morte vencedôr  
O que nos trouxe a redempção e a vida!”*

As expressões sagradas como por exemplo, “*lousa*”, “*ignota*”, “*Salvador*”, “*Túmulos*”, “*morte vencedor*”, “*redenção* e “*vida*”, remetem – nos para um cenário do processo da cerimónia pascal.

Nota-se também uma intertextualidade bíblica – o poema leva-nos às etapas da vida e da morte de Cristo.

A 2ª quadra retrata os momentos de sofrimento, de dor, de padecimento por que Jesus Cristo passou em detrimento da nossa salvação, o preço que ele teve que pagar para que possamos

---

<sup>(26)</sup> In: Afro (Cabo-Verde – 1911)  
Almanach de Lembranças – Textos seleccionados por GERALD M. MOSER – Edições.

alcançar a vida eterna.

*A natureza festivel, garrida  
Os crepes funeraes de luto e dôr  
Depõe; e as aves nos vergeis em flôr  
Soltam a voz harmonica e sentida.*

O 1º terceto indica que a morte de Cristo não terá sido em vão, porque, a partir do momento que Cristo venceu a morte, esta deixou de ter qualquer poder sobre ele, fazendo com que a Humanidade passasse a ser livre ao fazer definitivamente de Jesus, o Salvador do Homem:

*Ergue tambem aos ceos, Humanidade,  
Um hymno celebrante a liberdade  
Que te veio trazer o bom Jesus.*

O último terceto é a parte final que fecha o poema, ou seja, é a síntese de todo o poema e que o resume: Cristo triunfou da sepultura, iterando o supremo sacrifício de Jesus Cristo para a salvação do Homem:

*“Surgiu com vida, triumphou do Supremo!  
Hossana ao Christo, filho sempiterno  
De Deus, que se immolou por nós na Cruz!”*

### **“Soneto “**

*“À memoria de minha mãe*

*Há quanto tempo, ó minha Mãe querida!  
que, em fim por Deus chamada, te partiste  
deixando-me sozinho, erraste e triste  
na selva escura desta negra vida!*

*Se lá nessa mansão aonde subiste  
te é dado ouvir a prece dolorida  
e os gritos de minha alma, orfã perdida  
no horror infando em que o viver consiste;*

*Se ver te é dado a lívida amargura  
que o coração devasta e me tortura  
preso à montanha tragica da Dor:*

*Roga ao Senhor pelo teu pobre filho  
ampara-o da virtude no arduo trilho  
com teu assíduo maternal fervor!”<sup>(27)</sup>*

### **Análise: Poema 7 – “ Soneto “**

A dedicatória “ À memória da minha Mãe “, remete-nos para um tema de recordação profunda, marcante e triste ao mesmo tempo para o poeta. Lamenta a partida da mãe, que o deixou sozinho, desprotegido e triste.

O sujeito poético mostra-se frágil, desamparado e órfão da presença da mãe. Sente-se perdido “*na selva escura*” e “*negra da vida*”, verdadeiramente órfão da vida. Assim, a própria adjectivação dá conta dessa orfandade: “*errante*”, “*triste*”, “*sozinho*”, “*Escura*”, “*negra*”.

A 2ª quadra continua em tom crescente o retrato do sofrimento, da dor, do desespero da perdição do sujeito poético.

Verifica-se que as formas verbais expressivamente escolhidos, reitera o sofrimento do poeta, exemplificando: “*devasta*”, “*tortura*”, são os mais ilustrativos. Do mesmo modo os adjectivos e os substantivos como “*preso*”, “*trágica*”, “*dor*”, “*amarga*”, confirmam os sentimentos do sujeito poético.

No ultimo terceto, a súplica feita à mãe mostra-nos o quanto o sujeito poético sente-se desamparado, perdido e roga ao senhor a sua protecção e amparo. Roga ainda, à mãe que interceda por ele, ao lado do Senhor:

*“Roga ao senhor pelo teu pobre filho”.*

É interessante verificar que o “Soneto” de Pedro Monteiro Cardoso dedicado à mãe, vai “beber” a forma, no soneto camonianiano, mais especificamente no poema a seguir transcrito.

---

<sup>(27)</sup> ) In: Pedro Monteiro Cardoso (Praia – 1929)  
Almanach de Lembranças – 1854 – 1932 – Textos seleccionados por GERALD M. MOSER – Edições.

**“Soneto”**

*"Alma minha gentil, que te partiste  
Tão cedo desta vida descontente,  
Repousa lá no Céu eternamente,  
E viva eu cá na terra sempre triste.*

*Se lá no assento etéreo, onde subiste,  
Memória desta vida se consente,  
Não te esqueças daquele amor ardente  
Que já nos olhos meus tão puro viste.*

*E se vires que pode merecer-te  
Algua cousa a dor que me ficou  
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,*

*Roga a Deus, que teus anos encurtou,  
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,  
Quão cedo de meus olhos te levou.” (28)*

## ANÁLISE DE CONJUNTO

Numa análise de conjunto destes sete poemas de Pedro Monteiro Cardoso, intencionalmente seleccionados, gostaríamos de ressaltar, os pontos convergentes, que os tornam, cada um fracção de um todo homogéneo enformado no louvor, e na exaltação da cristandade, exemplificada nas figuras maiores a da Mãe, a Virgem Maria e a do filho, Jesus Cristo.

Da leitura dos sete poemas, torna-se evidente o conhecimento aprofundado do poeta da história da religião cristã, de factos descritos na Bíblia e sobretudo da Paixão, da morte e da ressurreição da figura impar de Jesus Cristo.

---

(28) In: Luís de Camões – Sonetos.

Pedro Monteiro Cardoso é, sem dúvida, um poeta crente. Esta faceta está amplamente demonstrada em cada um dos versos dos poemas acabados de analisar. A crença na onipotência e na onipresença divina são constantes neste conjunto poético. Embora tenha conhecido momentos, apenas momentos de vacilação na mente do poeta, narrada no poema “Fé”. Momentos aliás, fugazes e passageiros, porque rapidamente desfeito pelas palavras da mãe que o levam (ao poeta) de volta ao equilíbrio da sua fé.

Relativamente ao poema intitulado “Soneto” em que o poeta lamenta a sua orfandade materna com a morte da mãe, está patente o intertexto camoniano mais precisamente do soneto “Alma minha gentil que partiste”. São notórias as semelhanças na construção do poema e na condução do tema, o soneto do poeta fogueense e o do poeta português quinhentista, Luís de Camões. As “musas” de ambos é que diferem. A de Camões, é a mulher amada, a de Pedro M. Cardoso é a mãe. Qualquer delas, poderosíssimas na pena de ambos. Qualquer delas indispensáveis na vida de ambos. Qualquer delas, complementar da essência espiritual dos dois poetas. Qualquer delas ainda a assemelhar a “mulher santa” que conduz o homem à perfeição espiritual.

### **3.2. BREVE ILUSTRAÇÃO HISTÓRICA DA POESIA RELIGIOSA DE OUTROS POETAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

É nossa intenção, neste ponto de trabalho fazer uma análise aproximativa entre alguns textos poéticos de invocação ao sagrado, ao divino de outros autores que à semelhança de Pedro Monteiro Cardoso tratam o tema.

Assim começamos por Frei Agostinho da Cruz, poeta português do século XVII representativo do barroco e da sua faceta mística.

Trata-se de um poeta cuja experiência religiosa teve especial fundura e significado: “*Frei Agostinho da Cruz, perseguido por constante remordimento, cantou a Arraíbida, como sinal de Deus, e do seu Amor; cantou a Natureza, sobretudo como criatura que louva, em perfeição e beleza e seu criador. Domina-o a quase obsessão dum Cristo sangrento dependurado da Cruz, e*

*só de quando em vez esta imagem dolorosa lhe sai de vista; refugia-se em alguns momentos no seio da Virgem Maria, a quem reza”. (29)*

O poema “A Santa Marta e Maria” que passamos a transcrever:

**“A Santa Marta e Maria”**

Queixava-se Marta de Maria,  
Que servir seu Senhor não lhe ajudave;  
Mas o Senhor Maria desculpava,  
De quem, mais que de Marta, se servia.

Porque, quando ela mais se distraía  
No serviço de quem a agasalhava,  
Sem se bulir Maria donde estava  
Os pés do Redentor mais merecia

Do qual foi a queixosa respondida,  
Que andava em muitas cousas ocupada,  
Sendo só necessária uma na vida,

Que nunca poderia ser tirada  
A Maria, de quem fora escolhida,  
Escolhida, de quem fora ensinada. (30)

**Análise do poema Santa Marta e Maria do poeta Frei Agostinho da Cruz:**

O Poema apresentado é de Frei Agostinho da Cruz (1540-1619), cujo nome secular era Agostinho Pimenta, e que nasceu em Ponte da Barca, Alto Minho, e faleceu em Setúbal.

Começando pelo título do poema, partimos de princípio que, para além deste trovador ser um grande devoto religioso, também os temas tratados nos seus poemas estão directamente vocacionados para aspectos religiosos. Por exemplo, neste poema “**Santa Marta e Maria**” o

---

(29) In: Urbano T. Rodrigues, Aves de Madrugada – Dicionário de Literatura

(30) In: Frei Agostinho da Cruz, 1605?



tema é as recriminações, como na maior parte dos poemas deste religioso/vate. Ele achava-se pouco digno do Senhor em tudo o que fazia. Segundo informações recolhidas na “Net,” em 1605 obteve permissão para viver como eremita na serra da Arrábida, numa cela mandada construir pelo Duque de Aveiro. O afastamento do mundo, a solidão, a vida contemplativa e as saudades do céu são temas glosados na sua poesia, poesia esta que se insere no âmbito da corrente maneirista.

As recriminações agora são as de Marta relativamente a Maria, que também não saem do usual. Isso é reflectido no seguinte verso: «*Mas o Senhor Maria desculpava,/ De quem, mais que de Marta, se servia.*». E este ‘serviço’ vai ser explicitado pela distração, pela quietude, que tornam Marta merecedora de estar aos pés do Redentor.

Para finalizar, a apostila do evangelho nos tercetos finais, algo se torna algo misterioso pelo desvio implícito: «*Sendo só necessária uma (coisa) na vida, // Que nunca poderia ser tirada/ A Maria, de quem fora escolhida, / Escolhida, de quem fora ensinada.*». Marta sendo escolhida «*pela coisa*», acorda desconfianças de predestinação.

Mesmo a fechar esta breve análise, reforça-se a ideia da profunda religiosidade e sobretudo da crença do poeta no poder divino que um dos versos deixa transparecer:

“*Do qual foi a queixosa respondida*”

Do poeta bravense Guilherme Dantas, cabo-verdiano do século XIX, escolhemos o ilustrativo poema intitulado “Deus”.

### “DEUS

*Onde existe? onde está? que infinito O contém!...*

*No céu, na terra, em tudo, em toda a parte – Deus?*

*Eleva-te, ó minh’ alma! Eleva-te inda além ...*

*Dos abismos da terra, e do espaço, e dos céus!... ” (31)*

### Análise do poema “Deus” do poeta Guilherme Dantas

---

(31) In: Guilherme Dantas – ICLD – Documentos 1996.

O poema em estudo pertence ao escritor/poeta Guilherme Augusto da Cunha Dantas, denome literário Guilherme Dantas, nascido a 25 de Junho de 1849, no sítio de Pé da Rocha da Ilha Brava, filho do 1º tenente de artilharia Vitorino João Carlos Dantas Pereira e de Isabel da Cunha e faleceu em 24 de Março de 1888, na Cidade da Praia.

É um poema de estrofe única, contendo quatro versos. Tem como tema central e único “Deus”, coincidente com o título. O sujeito poético começa por se interrogar sobre a existência de Deus. Pergunta qual será o infinito que “O” contém. Ao mesmo tempo que interroga e afirma, a presença onipotente de Deus no céu, na terra e em tudo e em toda a parte. Constatámos assim, que há uma certa antítese nos seus versos; interroga, e entretanto tem a consciência de que existe só um ser superior, divino, celestial, onipotente e onipresente para estar em tudo e em toda a parte, ao mesmo tempo.

Assim, é de se salientar que o sujeito poético, apesar da sua pequena oscilação em relação à existência do ser sagrado, pede à sua alma que se eleve. Reconhece o poder da presença celestial em todos os lugares, como ele mesmo dita no segundo verso: “*no céu, na terra, em tudo, em toda a parte*”.

Nota-se que o poeta roga a Deus a elevação da sua alma, exora a Deus que leve a sua alma para o além, para o infinito e que o livre dos abismos da terra. Para além do mais, verificamos que, pelos versos e pelo tema e assunto, o poeta é um verdadeiro crente, porque só uma pessoa que vê Deus como entidade máxima, criadora de todas as coisas, do céu e da terra, que o considera capaz de libertar alguém dos abismos terrestres, é que poderá ser e alcançar o estado de um ser pleno porque crente.

À semelhança do poema “Deus” do poeta Pedro Monteiro Cardoso, no poema homónimo de Dantas, também se nota um certo encantamento do sujeito poético pelo “poder” que Deus exerce sobre tudo e todos. Nessa perspectiva podemos asseverar que este poemeto é de carácter religioso, de exaltação, da invocação a Deus que é exaltado, é elevado à sua posição de “altíssimo”.

No século XIX, na Literatura Portuguesa e a abrir a corrente literária denominada Realismo, temos de Antero de Quental, poeta que também produziu alguns textos poéticos considerados místicos, o poema “A um crucifixo” é um perfeito ilustrativo desta sua faceta poética.

### “A UM CRUCIFIXO”

Há mil anos, bom Cristo, ergueste os magros braços  
 E clamaste da cruz: há Deus! e olhaste, ó crente,  
 O horizonte futuro e viste, em tua mente,  
 Um alvor ideal banhar esses espaços!

Porque morreu sem eco o eco de teus passos,  
 E de tua palavra (ó Verbo!) o som fremente?  
 Morreste ... ah! dorme em paz! não volvas, que descrente  
 Arrojarás de novo à campa os membros lassos ...

Agora, como então, na mesma terra erma,  
 A mesma humanidade é sempre a mesma enferma,  
 Sob o mesmo ermo céu, frio como um sudário ...

E agora, como então, virás o mundo exangue,  
 E ouvirás perguntar – de que serviu o sangue  
 Com que regaste, ó Cristo, as urzes do Calvário? <sup>(32)</sup>

### **Análise do poema do poema “A um Crucifixo” do poeta Antero do Quental**

O poema em análise é de autoria do poeta português Antero do Quental. Ele viveu no século XIX em Portugal e é considerado um vulto incontornável no panorama literário português, pois as suas obras representam a glória da literatura portuguesa e constituem um legado importantíssimo para história da mesma literatura.

O texto lírico, em estudo, apresenta uma estrutura formal rígida, pois é um soneto. Portanto de acordo com os ditames da corrente literária vigorante na altura e acatadas por Quental, o poema é constituído por quatro estrofes, duas quadras e dois tercetos. Apresenta um esquema rimático típico dos sonetos, ou seja, “abba, abba, ccd, eed”, com rimas emparelhadas e interpoladas nas quadras e nos tercetos.

---

<sup>(32)</sup> In: 1 - Antero de Quental – Sonetos  
 Organização, introdução e notas de Nuno Júdice

Entrando propriamente na análise do poema, começaríamos pelo próprio título que descreve a paixão e a morte do Cristo Redentor na Cruz do Calvário.

Na primeira quadra o sujeito poético retrata o padecimento de Cristo enquanto símbolo do sofrimento e da salvação do Homem. Ele, Cristo entregou-se de corpo e alma para a redenção eterna dos pecadores. É assim que, na segunda quadra o sujeito poético espelha a morte do salvador, ou seja, o episódio durante a entrega, a condenação e crucificação, pelas quais Cristo passou, até que por fim, se cumpriu a escritura, isto é, a sua morte. É ainda nesta óptica que os dois últimos tercetos sintetizam o tema do poema, a crucificação de Cristo. E logo as perguntas: terá valido a pena o sofrimento e a morte de Cristo?

*“ E ouvirás perguntar - de que serviu o sangue com que regaste, o Cristo as luzes do Calvário? “*

Talvez fosse interessante fazer uma leitura comparativa entre o poema “Ressurreição” do vate Pedro Monteiro Cardoso e o poema em análise. Podemos notar uma similitude temática pois, ambos reflectem a morte e a ressurreição do Cristo, ou seja, ambos falam do facto da morte de Cristo não ter sido em vão, porque Cristo ao vencer a morte, ao triunfar da sepultura e ao ressuscitar concorreu de forma perene para a salvação da Humanidade.

Na nossa opinião, ambos os poetas, Quental e Cardoso parecem ter uma mesma abordagem e uma postura idêntica quando o objecto/sujeito inspirador é Deus, é o divino e o sagrado.

Mais perto de nós, século XX, Osvaldo Alcântara pseudónimo poético de Baltazar Lopes da Silva, que, como poeta não recusa a sua poesia de tendência religiosa. A propósito transcrevemos um excerto de uma entrevista de Dr. Baltasar Lopes da Silva, dada a Michel Laban:

(...)<sup>(33)</sup>

*“ P. – Várias vezes os seus poemas me fizeram pensar num poeta cristão ...*

*B.L. – É verdade ... Eu não sou crente. Eu próprio verifico que há uma grande religiosidade nos meus poemas, é verdade ... Eu notei isso!*

*P. – Estava até convencido do contrário ...*

*B.L. – Sou religioso em poesia!*

---

<sup>(33)</sup> In: Entrevista do Dr. Baltasar Lopes da Silva com o Michel Laban  
 “Cabo Verde” – Encontro com Escritores.  
 Fundação Eng. António de Almeida.

*P. – “ Todos os que vierem me encontrarão agitando a minha lanterna de todas as cores na linha de todas as batalhas”, estes versos da “Ressaca” não poderão ser uma espécie de emblema da sua poesia?*

*B.L. – Talvez circunstancial, deve ter sido escrito numa altura polémica, digamos assim. De onde esta atitude contenciosa e polémica do assunto dos versos ... Deve ser com Certeza ...*

*P. – Mas representam também uma tendência ...*

*B.L. – Pois, uma tendência ... É uma tendência que eu não considero aberrante na minha actividade – quer pessoal, quer poética ... - que eu desenvolvi muitas vezes – para não dizer quase sempre – em processos de natureza política, com o Tribunal Militar, etc. ”*

(fim da transcrição)

O poema escolhido para melhor ilustrar esta faceta, intitula-se “Amigo”:

**“AMIGO”**

*“A Tua palavra está novamente  
clandestina no Deserto.  
O ar ressoa do Teu nome,  
homens gritam o Teu nome,  
o Teu nome,  
mas puseram-no a fugir para a cama fofa  
dos dicionários de sinónimos.*

*O lábaro impuro tem a violência  
do tempo em que nem eras uma suspeita.*

*Vem, Amigo.  
Chicoteia outra vez que faltam séculos de séculos  
para o Teu reino ser achado.*

*Na aldeia encoberta conta a Tua parábola.*

*Lá ninguém fugiu de Ti,  
lá terás a Tua cama para te deitares,  
e a água humilde do canto da casa será a dádiva  
dos filhos do Teus filhos.*

*Olha por Nicolau.  
Os mercadores nada poderão com ele.*

*Confio em Ti, Amigo,  
confio em Ti, Amigo,*

*O inefável invade docemente a minha tristeza.  
ei que a Tua espada há de fulgurar nas batalhas necessárias  
e Nicolau nunca mais Voltará a ser moeda  
das riquezas do Caim.”. <sup>(34)</sup>*

### **Análise do poema “Amigo” do poeta Osvaldo Alcântara, pseudónimo de Baltasar Lopes da Silva:**

Está-se perante um poema do poeta Osvaldo Alcântara pseudónimo poético de Baltasar Lopes da Silva, nascido em 1907- S. Nicolau – Cabo Verde e falecido em Lisboa em 1989. É uma das figuras mais eminentes da Literatura Cabo-verdiana e representa o expoente da revista *Claridade* e do movimento claridoso.

O poema ora em análise é constituído por 8 estrofes contendo estas 19 versos soltos.

O título do poema fala por si, “Amigo”. Esta designação particulariza, individualiza um afecto especial e sobretudo reflecte/espelha não um amigo humano qualquer, comum, mas sim um ser transcendente, verdadeiro, sincero e de todas as horas. Em resumo um “amigo” com maiúscula!

No poema em estudo, o sujeito poético atesta a clandestinidade em que andam as palavras do “Amigo”. Elas estão no “Deserto”. Clandestinidade que simbolicamente reforça a ideia de que

---

<sup>(34)</sup> In: Osvaldo Alcântara (in *Cântico da Manhã Futura* - Edições Banco de Cabo Verde, 1985).

as palavras de Deus não estão a ser cumpridas e muito menos praticadas pelos humanos. Embora estivesse já sido espalhadas no mundo, para serem proclamadas e colhidas por aqueles que acreditam e “O” consideram como um fiel amigo, como mostra o poeta. Esta crença é demonstrada/espelhada na 1ª estrofe, sobretudo nos 3º, 4º e 5º versos quando declara “ *o ar ressoa do Teu nome*”, “*homens gritam o Teu nome*”, “*o Teu nome*”. O facto do possessivo “Teu” estar escrito em maiúscula, reforça a grandeza deste nome, esse eco, essa retumbância produzidos ao ser pronunciado o nome bendito. Ainda na mesma estrofe, o poeta lamenta o facto de apesar da grandeza incontestável, ele foi traído, espojado e humilhado. Tem a ver ainda com a fraqueza e a traição do homem, face a Deus. Nessa linha de ideias o poeta satiriza a forma como o fizeram “ *... mas puseram-no a fugir para a cama fofa dos dicionários de sinónimos*”.

O poeta, na 2ª estrofe alude à grande violência, à barbaridade, à tortura, que cometeram com Cristo, ao longo da “caminhada” até ao calvário, resumindo assim à sua morte, que na linguagem bíblica significa “Paixão de Cristo”:

*“ O lábaro impuro tem a violência do tempo em que nem eras suspeita.”*

Logo de seguida, o sujeito poético suplica ao “Amigo” que venha e que lhe mostre o quanto o seu reino era difícil de se chegar, ou seja, que esse reino não era deste mundo e não tinha fim.

*“Vem amigo.*

*Chicoteia outra vez que faltam séculos de séculos  
para o Teu reino ser achado.”*

*Continua a haver necessidade das palavras de Cristo: Chicoteia outra vez”.*

Para além do mais, o poeta demonstra nos versos que a seguir se transcrevem, o quanto a palavra deste “Amigo” é valiosa, é mágica, é contada e ouvida na “aldeia”. Espaço este, onde nunca a palavra dele foi ignorada, onde ele encontra a “água para matar a sua sede”. Assim, no último verso o trovador roga ao “Amigo” que olhe por Nicolau justificando o motivo dessa rogativa com o último verso da última estrofe:

*“Olha por Nicolau*

*Os mercadores nada poderão com ele.”*

Por último, fomos à poesia brasileira e escolhemos Adélia Prado, poetisa cuja obra é classificada de poesia mística: <sup>(35)</sup>

---

<sup>(35)</sup> In: Informações colhidas na Net.

Adélia Luzia Prado de Freitas (Divinópolis MG, 1935). Formou-se bacharel em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Divinópolis em 1970.

*“O que está suposto na arte é amor divino, por isso é que é incansável, eterna, perene alegria. Artista nenhum gera a sua própria luz, disto, sei, e quem mo contou não foi o sangue nem a carne, mas o Santo Espírito do Senhor.”* <sup>(36)</sup>

*“Ela admite que tanta a arte como a religião é para ela o exagero, o êxtase – ‘‘ Ou Deus ou nada’’ verseja em Artefacto Nipónico (FP, 1988).”*

*“ Louvai ao senhor, livro meu irmão, com  
Vossas letras e palavras, com  
Vosso verso e sentido, com  
Vossa capa e forma, com  
as mãos de todos que vos fizeram existir,  
louvai ao Senhor.”* <sup>(37)</sup>

*“Ao entardecer no mato, a casa entre  
bananeiras, pés de manjeriço e cravo-santo  
aparece dourada. Dentro delas agachados,  
na porta da rua, sentados no fogão, ou aí mesmo,  
rápidos como se fossem ao êxodo comem  
feijão com arroz, taioba, obra-pro-nobis  
muitas vezes abóbora.  
Depois, café na canequinha e pito.  
O que um homem precisa pra falar.”* <sup>(38)</sup>

Para a análise deste poema, optámos por apenas transcrever algumas feitas por alguns críticos brasileiros:

---

<sup>(36)</sup> In: Adélia Prado, Cacos para um vitral: 123

<sup>(37)</sup> In: Eliana Yunes (PUC – Rio).

<sup>(38)</sup> In: entre enxada e sono: louvado seja Deus! (Bagagem, 1976:50)



*“Para P. Ricoeur, os textos de Adélia Prado vivem do desdobramento da literatura e da Bíblia. O texto bíblico deve suscitar no leitor “o desejo de se compreender a si próprio nos termos do Grande Código”. Pela virtude centríptea de uma leitura autêntica, nós recebemos o texto e nos assimilamos a ele, fazendo assim do livro “um espelho” (Liber et Speculum). É a teologia que gera o modo narrativo, sendo a ficção promovida ao papel de instrumento hermenêutico. A linguagem poética em si, torna-se cerigmática para nós. Adélia Prado não faz poesia religiosa no sentido mais comum. Para ela é a poesia que é religiosa, sagrada, independentemente das inclinações ou crenças daquele que escreve. “Tudo é Bíblias” para esta mulher que escreve a partir do maravilhamento do quotidiano, do real, que é o tema maior da sua escrita. Tudo é ligado pela unidade orgânica do texto sagrado”.*

*“ Assim Frei Beto considera que os livros de Adélia Prado estão a meio do caminho entre arte e religião e vê neles o carácter erótico da relação entre pessoas e o de ágape da relação entre a pessoa e Deus”.*

*“O reitor da Católica de Minas Gerais, Padre Geraldo Magela Teixeira, acha em sua poesia mais que arte, “Uma religiosidade Telúrica”.*

*“O leigo Renato Russo afirmou certa vez que, através de seus poemas, ele fazia uma revisão da imagem que se tem de Deus”.*

*Pela voz da própria poetisa, ouvimos já em terra de Santa Cruz, terceiro livro:*

*Ó mistério, mistério, suspenso no madeiro,  
O corpo humano de Deus ...  
E o teu corpo na cruz sem panos: olha para mim.  
Eu te adoro, ó Salvador meu, que apaixonadamente me revelas  
A inocência da carne”. (39)*

*“ ... e confessa então, no primeiro poema do primeiro livro, que a **poesia é dom de Deus**”...*

*“Porque, mercê de Deus, o poder que eu tenho*

---

<sup>(39)</sup> In: Poesia Reunida, 1991:279.

*É de fazer poesia, quando ela insiste*

*feito água no fundo da mina.*<sup>(40)</sup>

*“Assim, o mundo real que admira e ama, o corpo com que geme e goza são dádivas porque se justificam na ultrapassagem do olhar que nada exclui ou nega, mas revela o divino sem melancolia ou pieguice. Afirma”:*

*“Tudo o que sinto esbarra em Deus.”*<sup>(41)</sup>

**(transcrição sic.)**

---

<sup>(40)</sup> In: Tabaréu., in B: 84.

<sup>(41)</sup> In: CD, 83

#### IV – CONCLUSÃO

A linguagem, quer a informática, quer a comunicativa primeira, quer a emotiva, são códigos utilizados pelo ser humano não só para se comunicar com os seus semelhantes, trocar informações, difundir as suas ideias e conceitos, como também, no caso da linguagem poética, tocar a emoção, o sentido da estética, expressar os sentimentos do poeta/emissor e “falar” à sensibilidade e à cultura do leitor/receptor das mensagens poéticas.

Com efeito, o trovador Pedro Monteiro Cardoso teve o privilégio de poder, através da sua inteligência e dos seus textos, no caso, os textos poéticos, de que deu conta este trabalho, ser parte integrante deste mundo maravilhoso, que é o da linguagem escrita poética. Assim, ele soube usar o seu bem mais precioso para dar o seu contributo não só à literatura Cabo-verdiana, como também aos alunos estudantes desta área.

Após o término do nosso trabalho e nele quisemos realçar numa reflexão preliminar que se pretendia averiguar se existe ou não uma mística na poesia de Pedro Monteiro Cardoso? ainda que de forma breve e sucinta diríamos que as suas obras poéticas estimulam nos leitores, o gosto, a satisfação e a prática da leitura.

Depois das análises feitas aos sete poemas intencionalmente seleccionados, concluímos que Pedro Monteiro Cardoso não terá produzido poesia mística, propriamente dita e no sentido em se entende a poesia mística como: *“para alguns estudiosos, a mística consiste, precisamente, no*

*modo extraordinário de uma comunicação com Deus sensível, mas para outros a mística seria apenas a plenitude da vida cristã. Neste caso, classificar-se-ão de místicas obras como livros de espiritualidade, biografias de homens fé, que relatem, sobretudo, os caminhos da sua adesão a Deus, poemas que cantem sob qualquer espécie (exultação ou dor) o encontro do humano com o divino, etc.* ”<sup>(42)</sup>), mas deixou – nos um pequeno legado da sua poética religiosa, uma poética de um espírito crente, de exaltação do divino e de louvor do sagrado, aliás bem patente nos poemas aqui analisados (no ponto III-3.2).

Concluímos ainda, que para além dos textos poéticos de exaltação divina, do sagrado, das entidades onipotentes como Virgem Maria, Deus, Jesus Cristo, ele também entoava louvores à natureza e à mãe. Pedro Monteiro Cardoso revela na sua escrita as várias facetas de que se compunha a sua preocupação de homem de escrita, com as aspirações e os problemas da sua época e da sua terra. Dos textos poéticos que compôs, destacamos por exemplo, os textos poéticos de carácter protestatário, de carácter político, de intervenção social, entre outros. Além do mais, o vate Pedro Monteiro Cardoso era igualmente um grande prosador. Utilizou com igual mestria tanto a língua portuguesa como a língua materna (crioula) pois que delas tinha grande domínio.

Da leitura dos poemas em análise constatámos que de uma forma geral os textos são todos de carácter religioso, com excepção do poema “Soneto” (dedicado à mãe). Os poemas não obedecem uma estrutura formal rígida, também com excepção dos dois sonetos, “Soneto” (dedicado à mãe e “Ressurreição”. Tanto os temas como os assuntos são do âmbito espiritual e religioso. São poemas em que os aspectos formais obedecem quase como que a uma oração introdutória que abarca o tema, o assunto, sob forma do refrão do poema. Ainda na mesma perspectiva, concluímos que os textos em estudo retratam uma retoma de parábolas bíblicas, glosadas ao longo do tempo, em várias versões de evangelhos e recriados por vários autores e inspiradores de poetas. Com efeito, os poemas estudados, de forma explícita ou implícita, metafórica e prefiguradamente, quer nos títulos, quer nos conteúdos, reproduzem muitas vezes a sagrada escritura.

Todavia, perante as questões de partida, colocadas anteriormente, que eram descobrir “mística” na poética de Pedro Monteiro Cardoso, concluímos que embora não tivesse havido “mística”, mas esteve muito próximo disso. O certo é que, e é uma conclusão a que chegámos,

---

<sup>(42)</sup> In: Maria de Lurdes Belchior – Dicionário de Literatura.

que o poeta Pedro Monteiro Cardoso também abordou com alguma profundidade e perfeição, no nosso entender, a poesia de feição religiosa e cristã.

Tendo em conta que o nosso estudo abrange os sonetos de Pedro Monteiro Cardoso, queríamos fazer uma alusão ao tema e ao assunto e a importância desses sonetos. Assim, no nosso conjunto de textos seleccionados, temos dois sonetos: “ À memória da minha mãe” e “Ressurreição”. À semelhança dos outros textos são poemas que, para além de exaltação ao sagrado e ao divino, são também poemas que abrangem sentimentos muito fortes, como amor, carinho, dedicação, etc. A propósito disso, citamos o seguinte a respeito dos sonetos de Cardoso: “ *Os Sonetos de Pedro Cardoso são, pois, todos belos. Reflectem (todos) os mais nobres Sentimentos da alma humana: amor, ternura, púlgil instinto da liberdade, forte união de Crença e então, por trasflor, o mais acrisolado Amor da Pátria. Eram elevados os seus Ideais, e raras vezes os talentos se congregam com o carácter como nele se ir manavam e confundiam*”.<sup>(43)</sup>

Para finalizar, e como conclusão última, é que não restam dúvidas de que há um reflexo natural do intertexto cultural de que o autor literário é beneficiário e tributário. Neste caso trata - se da parte saída da cultura cristã, de que a educação recebida legou a Pedro Cardoso.

Finalmente, após esta e outras conclusões tiradas ao longo do trabalho, concluímos que a realização deste trabalho, ainda que modesta, excluindo a possibilidade de esgotá-lo, foi de muita importância para nós, pois, possibilitou-nos uma maior aproximação e um conhecimento mais seguro de uma parte, bem interessante, da poética de um dos mais ilustres nomes da literatura Cabo-verdiana com início nos finais do século XIX e dos primeiros quarenta anos do século XX, que foi, sem dúvida, Pedro Monteiro Cardoso.

---

<sup>(43)</sup> In: José Lopes ( in: Prefácio de “Lírios e Cravos” - Abril de 1951

## V – BIBLIOGRAFIA

- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. **Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea** – II Volume G – Z. Braga. Editorial Verbo. Fevereiro de 2001.
- CARDOSO, P. M. (1983) **Folclore Cabo-verdiano**. Lisboa. Edição da Solidariedade Cabo-verdiana-Paris.1983.
- CHEVALIER, J., A. G. (1982). **Dicionário dos Símbolos**. Lisboa. Editorial Teorema Lda.1994.
- COELHO, J.P. (1985) **Dicionário de Literatura**. Porto. Mário Figueirinhas 3ª Edição.1987.
- COSTA, J. A., MELO, A.S. (1952). **Dicionário da Língua Portuguesa**. Porto. Porto Editora, Lda. 8ª Edição 1998.
- DANTAS, G. C. **Poesias**. Mindelo – S.Vicente – C.V. Edição I.C.L.D. – Maio 1996.
- ELIANE, M. (1991) **Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo. Martins Fontes. 1991.
- ELIANE, M. (1992) **Tratado de História das Religiões**. Porto. Edições Asa. 3ª Edição. Abril de 1997.
- FARIA, H. D. I.(1996) **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. Lisboa. Editorial Caminho. Abril de 1996.
- FERREIRA, M. **Claridade – revista de arte e letras**. Linda-a-Velha – Lousã. 2ª Edição A.L.A.C. Março de 1986.

- FERREIRA, O. In: “**A influência da religião na Literatura – o caso de Pedro Cardoso e de Oswaldo Alcântara**” Palestra proferida no Salão Paroquial por ocasião das Comemorações do Centenário da Paróquia de Nossa Senhora da Graça. 2004.
- FIGUEIREDO, C. (1973). **Dicionário da Língua Portuguesa**. 23ª Bertrand Editora. Novembro de 1986.
- GUIMARÃES, J.A.N.M. O Nativismo em Eugénio Tavares in: **Artiletra** – Jore/Jornal-revista/de Educação, Ciência e Cultura. Número 68, Junho/Julho de 2005.
- GOMES, A., CAVACAS, F. (1996) **Dicionário de Autores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. Lisboa. Editorial Caminho. 2ª Edição 1997.
- **Grande Dicionário Enciclopédico Verbo** II volume, Lisboa/São Paulo. Editorial. Junho de 1997.
- HAMILTON, R. G. **Literatura Africana Literatura Necessária** – in Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe. Edições 70 – biblioteca de estudos africanos.
- HOUAISS, A. H. **Dicionário da Língua Portuguesa-Portugal**, Temas e Debates. Lisboa, 2003.
- LABAN, M. **Cabo Verde – Encontro Com Escritores** – I vol. Edição: Fundação Eng. António de Almeida. Porto 1992.
- LEXILELLO. **Novo Dicionário de Língua Portuguesa**. Porto. Lello e Irmão. 1989.
- MACHADO, J.P. (1952). **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Lisboa. Livros Horizonte, Lda. 7ª Edição. 1995.
- MOSER, G. M. **Almanach de Lembranças 1854-1932**. Linda-a-Velha. Edições A.L.A.C. Março de 1993.
- REIS, C., LOPES, A.C.M. (1987) **Dicionário de Narratologia**. Coimbra. Livraria Almedina. 7ª Edição. Outubro 2002.
- REIS, C., LOPES, A.C.M. (1997) **O Conhecimento da Literatura – Introdução aos Estudos Literários**, 2ª Edição, Livraria Almedina, Coimbra. Janeiro de 1999.
- ROMANO, L. *Presença de Pedro Cardoso In Ponto e Vírgula*, nº 4, Agosto/Setembro, 1983.
- SILVA, A. M. (1961). **Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa** – Volume V. Editorial Confluência, Lda. 2ª Edição. 1980.
- SILVA, F.J. **Dicionário Universal da Língua Portuguesa**. Lisboa. Texto Editora. 5ª Edição. Maio de 1999.

- SILVA, V. M. A. (1967) **Teoria da Literatura**. Coimbra. Livraria Almedina. 8ª Edição. Setembro de 2002.
- TRIGO, S. **Ensaio de Literatura Comparada** – Afro-luso-brasileiro. Lisboa. Assírio Bacelar.1700.



**V – ANEXOS – DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS DO POETA E ESCRITOR PEDRO  
CARDOSO (13- 09- 1890/31 – 10- 1942)**



Pedro Monteiro Cardoso, de nome completo. Como poeta, escritor e jornalista é Pedro Cardoso, como ficou conhecido em Cabo Verde, e no estrangeiro, principalmente em Portugal, nasceu na ilha do Fogo, na freguesia de São Lourenço, no dia 13 de Setembro de 1890, tendo

como progenitores Manuel Benício Cardoso e de Ana Barbosa Barros Cardoso.

(Para os meus filhos recitarem)

*“Nasci na ilha do Fogo,  
Sou, pois, cabo-verdiano.  
E disso tanto me ufano  
Que por nada dera tal,  
Se filho de Cabo Verde,  
Assevero \_\_fronte erguida\_  
Que me é honra a mais subida  
Ser neto de Portugal!*

*Aprendi a história pátria,  
É, qual o cantar de Inês,  
Ser bravo, digno e leal;  
É ser como os que passaram  
Inda além da Taprobuna...  
Por isso muito me ufano  
Ser neto de Portugal!”<sup>(44)</sup>*

Pedro Cardoso sempre manifestou o amor que sentia pela terra natal, sem esquecer também outra terra da qual fazia ou se sentia parte integrante, Portugal. Prova disso o próprio poema acima transcrito que proclama, exalta o anelo que sentia, como sendo nato do Fogo o que fazia dele um cabo-verdiano, e “profacto” que o fazia igualmente “neto” de Portugal.

Este poeta muito novo foi de retirada até à ilha de S. Nicolau, onde os pais apostaram na sua vocação de padre, e onde frequentou o seminário, durante alguns anos.

Até o momento em que reconheceu não se sentir com vocação para a vida eclesiástica enveredando para outros caminhos. Como disse Afonso Correia “...em demanda de outros ambientes, onde a alma fosse mais livre e o corpo menos sujeito a rígidas formaturas

---

<sup>(44)</sup> In: Pedro Monteiro Cardoso – ( in: “Algas e Corais”).

*disciplinares. Saiu preparatorista, embora nos últimos anos do liceu, tendo depois ingressado na burocracia como aspirante aduaneiro.”* ( <sup>45</sup>)

Com 19 anos de idade, em 1902, o poeta publicou o poema dirigido “A Mocidade Cabo-Verdiana”. *Isso é prova da maturidade política manifestada pelo Cardoso, “apesar de muito jovem, já manifestada elevada consciência do papel que a juventude podia desempenhar na afirmação da nossa autenticidade, juventude na qual depositava”.*

Fez os estudos secundários no extinto Seminário Liceu São Nicolau. Foi funcionário de alfândega. Professor Primário, jornalista e poeta. Embora grande parte da sua obra fosse em língua portuguesa foi, no entanto, um dos mais devotados e lúcidos defensores da valorização do dialecto crioulo de Cabo Verde, tendo a propósito, e para além da sua própria contribuição como criador, travado polémicas na imprensa local. Manuel Ferreira, no seu livro “Reino de Calibam I” apresenta Pedro Monteiro Cardoso como defensor a sério e determinado do dialeto crioulo.

Portador dos ideais democráticos, desfrutava de grande estima e prestígio no arquipélago. Acérrimo lutador pelos interesses da sua terra natal, quer em prosa, quer em verso. Da geração de Eugénio Tavares, consagrou-se grande polemista nos jornais “Eco de Cabo Verde, colaborou em vários outros jornais como “A Mocidade Africana”, “A voz de Cabo Verde” e outras publicações locais, tendo sido fundador e proprietário do jornal “Manduco”.

É considerado um dos fundadores da Literatura Cabo-verdiana, nos finais do século XIX que o inclui nos Pré-Claridosos.

Tem uma grande colaboração na imprensa (Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro; “A Voz de Cabo Verde”; “Eco de Cabo Verde”; “Correio d’ Africa”). “ Cantares, 1907, Cabo Verde, e. a. [Poesia] ”; “Primícias. Versos, 1908, Lisboa, e. a. [Poesia]”; “Cabo-Verdianas, 1915; “Cabo Verde, e. a. [Poesia]”; “Jardim de Hespérides, 1926”; “Vila Nova de Famalicão, e. a. [Poesia]”; “Duas Canções, 1927, Lisboa, e. a. [Poesia]”; “Algas e Corais, 1928”; “Vila Nova de Famalicão, e. a. [Poesia]”; “Hespérides” (Fragmentos de Um Poema Perdido em Triste e Miserando Naufrágio), 1930”; “Vila Nova de Famalicão, e. a. [Poesia]”; “Sonetos e Redondilhas, 1934”; “Vila Nova de Famalicão, e. a. [Poesia]”; “Morna e Saudade”. “Versos em Crioulo e em Português, 1940; Cabo Verde , e. a. [Poesia]”!; “Letras para a Morna Nha-Codé, 1940, Praia, e. a. [Poesia]”; “Cadernos Luso-Cabo-Verdeanos, 3vol., 1941-1942, Praia, e. a. [Poesia]”; “Lírios e Cravos, 1951”; “Ermesinde” (ed. póstuma) [Poesia]”. Também: “Folclore Cabo-Verdiano” (e/p),

---

(<sup>45</sup>) In: “ O Mundo Português”, Ano X, 1943 I parte (Janeiro a Junho) números 109 a 114.

Porto, 1933, Cabo Verde”; “E mi que é lha'r-Fogo”, Praia, Cabo Verde, 1941; vol. 2: “Ritmos de morna”. Idem, 1942; vol. 3: “Sem tom nem som”, idem, 1942); “Edição póstuma”; “Ermesinde”, s/d (1951), com prefácio de José Lopes; “Conferência”, 1934. Com a música do seu amigo e correligionário, Agnelo Henriques, escreveu os versos do hino dos “Falcões do Fogo”, posteriormente considerado Hino da Ilha do Fogo.

Veio a falecer no hospital da Praia, Ilha de Santiago/Cabo Verde, no dia 31 de Outubro de 1942.